



## ENTREVISTA

# Prof. Dr. Gerlando Augusto Sampaio Franco de Lima

Por Andréa Rosa

Entre os cenários desenhados para o futuro e que estão em discussão, atualmente, encontra-se aquele que diz que os profissionais usarão tecnologias cada vez mais sofisticadas para aprimorar suas formas habituais de trabalho. Porém, outra hipótese prevê que as inovações tecnológicas não vão apenas simplificar e otimizar essa abordagem tradicional, como também vão substituir o trabalho de profissionais tradicionais. Até que ponto a profissão contábil está inserida nessas prospecções e pode ser atingida por automação, sistemas e robôs? O Conselho Federal de Contabilidade está comprometido com a busca da resposta a essa pergunta.

As implicações desses cenários no futuro da profissão contábil foram apresentadas pelo professor doutor Gerlando Lima, titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP) – atualmente atuando como *senior lecturer na University of Illinois at Urbana-Champaign* (EUA) –, durante a palestra Educação e Tecnologia: Caminhos para um Futuro Sustentável, ministrada no dia 21 de fevereiro, em Brasília (DF). A apresentação fez parte da programação do Seminário de Gestão e Planejamento Estratégico

do Sistema Contábil, promovido pelo CFC, e que buscou, entre seus objetivos, discutir os desafios que a profissão enfrenta hoje e os caminhos que serão determinantes para garantir um futuro sólido para a classe.

“No último Fórum Econômico Mundial, realizado em janeiro, em Davos-Suíça, foi confirmado que realmente estamos em uma quarta revolução industrial. A automação vai vir da forma mais rápida possível e precisamos estar preparados”, afirma Gerlando Lima. No entanto, segundo ele, não se pode falar em extinção da profissão por

causa da tecnologia, como foi divulgado, equivocadamente, por veículos de comunicação brasileiros no fim do mês de janeiro deste ano. Na entrevista a seguir, o professor fala sobre o ambiente atual e as chances de novas tecnologias passarem a ocupar a parte operacional técnica da Contabilidade; explica o que significa estar preparado para essa nova realidade; questiona formas atuais do ensino de Ciências Contábeis; comenta sobre a utilização do Blockchain; e, entre outros pontos, opina sobre o perfil do contador para uma sociedade tecnológica e sustentável.

**RBC – No início de 2018, alguns veículos da mídia nacional noticiaram que a profissão contábil tem mais de 90% de chance de ser extinta, por causa dos avanços tecnológicos. O que é verdade e o que é exagero nessa história?**

**Gerlando Lima** – Concordo em parte com essas notícias. Ao analisar pesquisas feitas fora do Brasil, é fácil perceber que a atividade operacional, realizada por empresas contábeis terceirizadas, ou até mesmo por contadores dentro da empresa, está sendo automatizada. Posso afirmar que o profissional da contabilidade, como um ser crítico, permanece; todavia, não posso assegurar o mesmo sobre a parte operacional relacionada à realização de lançamentos contábeis com fins de controle – isso já acontece atualmente. No momento que empresas vendem a mercadoria, ou mesmo quando efetuam a compra, os lançamentos são realizados automaticamente. Isso não é uma novidade. O problema está na forma como as pesquisas foram traduzidas e divulgadas pelos canais de comunicação no Brasil, afirmando que a profissão seria extinta e, não, a parte técnica, como realmente foi publicada na pesquisa fora do Brasil.

**RBC – O que compõe a parte “mecânica operacional técnica” da profissão? O sr. acredita que essa parte, no Brasil, atualmente, sustenta o emprego de um grande contingente de profissionais?**

**Gerlando Lima** – Essa parte técnica da profissão seria “apenas” o registro dos eventos econômicos e financeiros das empresas, ou seja, o controle. Como a tecnologia, de modo geral, é ainda muito cara no Brasil, é inviável, para algumas empresas, se atualizarem ou criarem aplicativos (apps) que facilitem a conexão entre empresa e escritórios ou entre empresa e contador interno. Está aí uma boa ideia

para empreendedores na área da Contabilidade. Este é um nicho de mercado pouco explorado no Brasil e com grandes oportunidades. Já pensou se criássemos aplicativos que, com apenas uma foto, eles já percebessem que se trata de uma nota fiscal e fizessem o lançamento contábil? Quanto tempo uma empresa de contabilidade não ganharia com isso? E a redução dos custos que poderia gerar?

Infelizmente, no Brasil, ainda se faz um curso superior e se explora do profissional formado trabalhos mecânicos, os quais uma máquina eficiente é capaz de realizar.

**RBC – Estar preparado para enfrentar as inovações tecnológicas e a automação significa voltar para a faculdade de Ciências Contábeis e reaprender a profissão?**

**Gerlando Lima** – Sim. Porém, não acredito que o profissional tenha que voltar para a graduação de Ciências Contábeis, mas para fazer novos cursos de graduação, de pós-graduação em Ciências Contábeis em boas universidades, de mestrado; para participar de *workshops*, de congressos, de conversar com pessoas, de fazer mais conexões; para ler, estudar, reler, desconstruir, reaprender com humildade e determinação. Ser resiliente!

**RBC – De modo geral, no Brasil, as faculdades de Ciências Contábeis estão preparadas – ou já estão se preparando – para ensinar a Contabilidade da “quarta revolução industrial”?**

**Gerlando Lima** – Em conversas com colegas de vários estados brasileiros, tenho a percepção de que poucas IES já estão bem organizadas para esse momento e para esses desafios. É preciso inovar para essa nova geração. Não podemos ensinar os novos estudantes da maneira que fomos ensinados antes. Eles são diferentes; têm per-

sonalidades diversas em um mundo tecnológico e muito distante da geração que desbravou a Contabilidade no Brasil. Precisamos de aulas que sejam produtivas e desafiadoras, com metodologias ativas. Como falei na palestra realizada durante o Seminário do CFC, aqui, na Universidade de Illinois, há uma pesquisa que demonstra que o aluno só fica prestando atenção a uma aula tradicional por 12 minutos. Imagine três horas e meia de aula de uma forma tradicional.

**RBC – Muito se tem falado atualmente sobre *Blockchain*. O sr. poderia explicar como funciona esse sistema, que foi apelidado, nos Estados Unidos, de “livro razão”?**

**Gerlando Lima** – O *bitcoin* se utiliza do *Blockchain* para fazer as transações, mas essa plataforma de *software* não foi criada diretamente para isso. Trata-se de um sistema utilizado de vários modos, seja em robôs, transações virtuais e tudo o que se utilize de tecnologia. O *Blockchain* é um sistema de informação que usa dados criptografados para aumentar a segurança na passagem de dados. Ele foi apelidado de “livro razão” porque funciona como se fizesse um débito no sistema de uma organização e um crédito no de outra, sem precisar de um sistema auxiliar para fazer isso.

**RBC – Como tem sido feita a contabilidade das moedas virtuais? E quanto à regulamentação desse mercado, em que pé está?**

**Gerlando Lima** – Não há ainda uma regulamentação sobre a evidenciação e a mensuração diretamente para as moedas virtuais, mas, se analisarmos corretamente, já temos ferramentas para isso. Imagine que sejam investimentos e, dessa forma, se possa mensurar como instrumento financeiro, com a classificação coerente, seja *trading* ou *available for sale*. Só que, aqui per-

“É preciso haver um diálogo sem ruídos ou assimetria informacional: a empresa precisa dizer o que quer e o contador deve estar aberto a esse desafio com disposição para reaprender e reconstruir.”

to da minha casa, vi que tem um restaurante que aceita *bitcoins* como pagamento e, dessa forma, será que não seria mais interessante ter essa moeda em caixa e equivalentes, pois é praticamente papel de troca? A resposta a essa questão eu vou aprender no próximo seminário da *American Accounting Association*, que será só sobre *bitcoins* e o que fazer com essa moeda.

**RBC – Diante dos desafios dessa nova era, qual é perfil do contador para uma sociedade tecnológica e sustentável?**

**Gerlando Lima** – Que sejam contadores críticos; que perguntem o porquê das coisas; saibam falar, negociar, justificar, argumentar; saibam outras línguas (isso é imprescindível); possuam visão do futuro; sejam proativos e capazes de solucionar problemas, de perceber oportunidades; possuam inteligência emocional; e sejam responsáveis socialmente. Acho que, nessa citação, não esgotei tudo, mas precisamos realmente de profissionais que saibam pensar e se relacionar. A parte técnica, como eu disse, possi-

velmente acabe com a automação. É claro que precisamos saber, mas esse não será o foco principal para se diferenciar daqui a alguns anos.

**RBC – O sr. disse, na palestra proferida no Seminário de Gestão do Sistema CFC/CRCs, que, para podermos mudar a realidade atual, é necessário diminuir as fronteiras entre a academia e o profissional. Como fazer isso? Quem deve tomar a iniciativa?**

**Lima** – É preciso haver um diálogo sem ruídos ou assimetria informacional: a empresa precisa dizer o que quer e o contador deve estar aberto a esse desafio com disposição para reaprender e reconstruir. Os problemas empresariais se apresentam de forma contínua e diária, em sua maioria, e precisam de resolução tempestiva. Até então, a academia tem ficado em sua torre próxima ao Olimpo, tentando achar problemas, e as empresas necessitando de orientação e soluções tempestivas – a curva de conhecimento na academia é maior. No Brasil, a relação empresa x academia é muito diferente de outros paí-

ses desenvolvidos, em que a empresa está dentro da academia. Precisamos mudar essa situação.

**RBC – Que dicas o sr. pode dar àqueles profissionais da contabilidade que estão sentindo, hoje, que poderão ser eliminados do mercado de trabalho em poucos anos?**

**Gerlando Lima** – Eu acredito muito na educação, mas esta é um ativo de longo prazo e caro. O retorno não é de curto prazo, como as pessoas pensam, por isso trocam oportunidades de estudo de longo prazo por necessidades momentâneas. Outra coisa é relacionamento. Às vezes, temos grandes ideias, mas não temos o capital, ou tem gente com grande capital e que não possui boas ideias. Temos que encontrar pessoas que somem, para criar oportunidades de melhorias no trabalho ou na empresa. Talvez falte um pouco de empreendedorismo e sobre aversão a risco para nossos profissionais.

Para assistir à palestra proferida pelo professor Gerlando Lima, clique [AQUI](#).

